

## A REVISTA VEJA E O TERRORISMO, UMA INTERPRETAÇÃO DOS ANOS 60<sup>1</sup>

Alexandre de Abreu<sup>2</sup>  
Marcelina das Graças de Almeida<sup>3</sup>

### RESUMO:

Este artigo pretende analisar o terrorismo na década de 60, através de reportagens da Revista Veja compreendendo como este veículo se posicionava a respeito do tema abordado, em uma época que os meios de comunicação passavam pela maior fiscalização da censura pelo Estado, na medida que o país estava sob um regime opressor, uma ditadura militar que cassou liberdades, direitos civis e censurou órgãos da imprensa que não se adequavam ao sistema imposto. E destaca-se no período o ex- deputado Carlos Marighella (1911-1969), eleito pelo PCB (Partido Comunista Brasileiro) na década de 40, partido que no período da Ditadura Civil Militar cai na clandestinidade e Marighella ganha destaque como o símbolo do terrorismo no Brasil, pois era o líder de um órgão importante da resistência, intitulado como ALN (Ação Libertadora Nacional), além de idealizar o comunismo como um sistema a ser adotado, destacando essa outra forma de pensar a sociedade na década de 60, que em parte não distinguia terrorismo e comunismo. Fato em que vai se enquadrar o governo e a Revista Veja.

**Palavras-chave:** Revista Veja (Anos 60), Terrorismo, Comunismo, Ditadura Militar.

### ABSTRACT

This article analyzes terrorism in the 60s, through reports of Veja understanding how this vehicle was positioned on the subject addressed, at a time when the media came through increased enforcement of censorship by the state, to the extent that the country was under an oppressive regime, a dictatorship that stripped freedoms, civil rights and censored media outlets that did not fit the system imposed. And stands out during the former deputy Carlos Marighella (1911-1969), elected by the PCB (Brazilian Communist Party) in the 40's party during the Civil Military Dictatorship goes underground and Marighella gained prominence as the symbol of terrorism in Brazil, it was the leader of an important organ of resistance, titled as ALN (National Liberation Action, and idealizing communism as a system to be adopted, noting that other way of thinking about society in the 60s which in part not distinguish between terrorism and communism, a fact that fits the government and the magazine Veja.

### Keywords:

---

<sup>1</sup> Alexandre de Abreu, Graduando em História pela Faculdade Estácio de Sá, FESBH, alexandre.abreul@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Marcelina das Graças de Almeida, Profa. Doutora em História pela UFMG, marcelinaalmeida@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) do curso de História da Faculdade Estácio – BH

## INTRODUÇÃO

O ano é 2010, ano de eleições presidenciais no Brasil, nas quais os candidatos José Serra e Dilma Rousseff dividiam o eleitorado que estava em busca do novo presidente da República Federativa do Brasil. E é nesse período que surge a idéia em desenvolver este artigo, refletindo naquilo que foi tratado como terrorismo. Termo que ganha força nas eleições por alguns meios de comunicação, como por exemplo, as revistas *Época* e *Veja*, sendo esta última analisada neste trabalho, uma vez que está sob um ponto de vista mais intimamente presente como meio de comunicação de massas. E é através do blog do jornalista Reinaldo Azevedo que o termo terrorismo aparece com bastante evidência, no qual o jornalista aponta a candidata Dilma Rousseff como participante de facções terroristas, no período da ditadura civil militar, onde ela participava de assaltos a bancos, levando terror a população. Fato narrado por ele no dia 23/06/2010 da seguinte forma:

Dilma, é um fato, integrou dois grupos terroristas. Chamo “terrorismo” a ação política que busca se impor — as causas, acreditem, quase sempre têm a sua raiz numa noção de justiça, embora torta — pela sabotagem e que considera que o eventual prejuízo causado a inocentes é parte do jogo. O Colina e a VAR- Palmares, grupos dos quais ela fez parte, mataram pessoas inocentes sob o pretexto de combater a ditadura. Ela e seus “companheiros” eram, de fato, contra aquela ditadura; queriam outra: a comunista. E lutaram, mataram e morreram para tentar implementá-la. Como vocês sabem, pode-se morrer também pelas piores causas<sup>4</sup>.

E é através deste tema gerado no presente que se pretende entender um passado recente, nos aproximando da reflexão do historiador Jacques Le Goff (1990) em que ele afirma que a história do passado é escrita no presente. E a questão a ser pensada é a Revista *Veja* e o terrorismo uma reflexão dos anos 60, em que será analisado como este veículo se posicionava a respeito do tema abordado. A revista mantinha alguma neutralidade? Apoiava algum lado específico?

---

<sup>4</sup> Reinaldo Azevedo. Dilma e a degradação da Política: O terrorismo agora em palavras. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/dilma-e-a-degradacao-da-politica-o-terrorismo-agora-em-palavras/>> Acesso em: 17/11/2010

E em quais princípios se baseava? Pois manteve-se nesta época em que os meios de comunicação tinham maior fiscalização da censura pelo Estado, a revista alcançou grandes camadas da sociedade brasileira sendo um item de fácil acesso pela população que vendeu em seu primeiro exemplar “650 mil revistas” (PEREIRA, 2009).

E como foi dito, este passado localiza-se na década de 60, especificamente no ano de 1968, ano de fundação da revista, e um ano que ficou marcado no imaginário da população mundial em razão aos protestos no mundo e da descoberta de novas formas de luta pelos jovens com o intuito de mudança. E também o ano de 1969, ano da morte de um dos símbolos da resistência, apontado pelo Regime Civil Militar como o símbolo do terrorismo no Brasil, o ex-deputado pelo PCB e fundador da ALN (Ação Libertadora Nacional) Carlos Marighella (1911-1969), por isso o foco será nestes dois anos.

## **A Revista Veja**

Em 11 de setembro de 1968, surge a revista *Veja*, fundada pelo italiano Victor Civita (1907-1990), que havia chegado ao Brasil em 1949, aos 42 anos e convidado pelo irmão a assumir a filial da empresa Argentina que havia sido fundada sob o nome de Editora Abril Ltda em São Paulo, dois anos antes. A empresa era um desdobramento da Editorial Abril criada em 1941 em Buenos Aires. Segundo o historiador Matheus Henrique, a revista foi responsável, por dar um perfil jornalístico a Abril, como ele explica no livro “A Máquina da Memória” (2009), uma revista que em seu lançamento “fez-se um anúncio para ocupar as páginas inteiras de todos os jornais das capitais do Brasil. Foi gravado um teipe de 12 minutos que passou em várias emissoras de TV e um documentário foi exibido nos cinemas”(PEREIRA, 2009, p.55), alcançando assim, já na primeira edição, grande parte da população da classe média brasileira.

## **Brasil, anos 60**

A década de 60 no Brasil foi marcada por grandes transformações no cenário político. No início da década o Brasil viveu um período de transição, o fim do governo Juscelino Kubitschek ou JK (1902-1976).

Com Juscelino presidindo a nação, o país abriu para o capital estrangeiro adotando uma política de industrialização, estabelecendo o plano de metas o qual faria o Brasil crescer 50 anos em 5, tempo em que o presidente permanecia no poder neste período. Com essa política o país alcançou elevados índices econômicos, com um crescimento que variava, ano após ano, de 7 a 10 por cento, porém através também de uma política de empréstimos em que grande parte foi injetado na construção da nova capital, Brasília.

Ao término do governo JK, o Brasil passava por um período de instabilidade ocasionada pelo endividamento do país, com o mercado estrangeiro, provocando um alto índice de inflação. E esse era o País que o sucessor de Juscelino, Janio Quadros (1917-1992), o primeiro presidente a tomar posse na nova Capital teria que assumir.

Janio era um ser enigmático, que ao mesmo tempo se dizia um anticomunista, o que agradava as elites civis e militares, ele estreitava o relacionamento com os Estados Unidos, pensando em um Brasil independente, podendo negociar com qualquer País. Com isso adota uma política de não “alinhamento com os Estados Unidos valorizando acordos comerciais com os países do bloco comunista” (PRIORE e VENÂNCIO, 2010, p.270), ficando claro esse interesse com a condecoração de Ernesto Guevara (1928-1967), comandante da revolução cubana, condecorado pelo Presidente Janio com a medalha o Cruzeiro do Sul em território brasileiro, desagradando as elites tanto brasileiras, como as norte-americanas.

Outro fator de grande desagrado e que gerava instabilidade para o governo de Janio, era a presença do Vice- Presidente João Goulart, eleito como vice através do voto, pois, “segundo a legislação da época, votava-se para Vice – Presidente separadamente da cabeça de chapa. Ora na eleição de Janio, João Goulart havia sido novamente eleito ao cargo” (PRIORE, VENÂNCIO; 2010 p.270).

Goulart era um homem de extrema importância na vida pública brasileira, pois anos antes havia sido ministro do trabalho, do Presidente Getúlio Vargas (1882-1954), período em que ele decretou aumento de 100 por cento do salário mínimo o que preocupava as elites brasileiras justamente por Goulart ser um político próximo dos sindicatos.

Em 25 de março de 1961, o País entra em profunda crise com a renúncia de Janio implica a posse do Vice- Presidente João Goulart. Em Viagem diplomática a China, Goulart é hostilizado por importantes segmentos das forças armadas e o meio empresarial. Há razão para tanto? É preciso lembrar que ele foi responsável pelo aumento em 100 por cento do salário mínimo, motivo suficiente para ser identificado a nebulosa política denominada república sindicalista. (PRIORE, VENÂNCIO, 2010, p.271)

Por esse motivo, havia o risco de Goulart quando chegasse da China não assumir a presidência, devido a um golpe que estaria sendo maquinado já em 1961, evitado por Leonel Brizola (1922-2004) cunhado de Goulart e governador do Rio Grande do Sul que através da “rede de legalidade, lançando através de meios de comunicação de massa uma campanha nacional em defesa da posse do novo presidente” (PRIORE, VENÂNCIO, 2010, p.271).

João Goulart assume a presidência, mas em um regime parlamentarista, uma manobra feita pelo congresso nacional, a fim de restringir os poderes do presidente, colocando Tancredo Neves (1910-1985) no cargo de primeiro ministro. Porém esse sistema de só duraria até 1963, época em que o país passava por forte crise, ocorrendo um plebiscito para a volta do presidencialismo, concedendo a Goulart os poderes de Presidente da República, que só duraria até 1964.

## **A ditadura civil militar**

O século XX é considerado pelo historiador Erick Hobsbawm (1995), em seu livro a “Era dos Extremos”, como o período que ficou marcado por duas grandes eras, a era da catástrofe e a era do ouro, século em que mataram mais seres humanos do que em qualquer outra época, e também a fase em que se chegou a níveis de bem estar e transformações jamais vistas pela sociedade, com um grande boom econômico e um período marcado por grandes guerras e ditaduras.

E a ditadura brasileira iniciou-se em 31 de março de 1964, se concretizando em 1 de abril deste mesmo ano, sendo um golpe tratado pelas elites como essencial para impedir uma possível insurreição comunista armada pelo governo de João Goulart (1919-1976), que segundo a historiadora Mary Del Priore no livro “Uma Breve História do Brasil” relata que, na verdade, o que ocorreu foi um golpe contra o populismo. Um golpe de Estado dado pelo exército brasileiro, restando para Goulart a fuga para o exterior evitando um derramamento de sangue, pois o golpe era apoiado pelo governo norte- americano que temia a transformação do Brasil em uma Cuba de proporções maiores na América Latina, ajudando a fazer a “revolução” antes da “revolução”, com a promessa de eleições diretas em 1965. Mas o que se viu foi vários governos ditatoriais se revezando no poder, durante longos 21 anos.

## **O Terrorismo**

O século XX foi marcado por varias insurreições em países latino americanos, tendo já no início a Revolução Zapatista iniciada em 1910, chegando ao fim com a morte do líder Emiliano Zapata em 1919, e Pancho Villa em 1923, ambos assassinados pelo exército mexicano<sup>5</sup>. A revolução zapatista buscava promover a reforma agrária, e usava de meios como produções cinematográficas para alcançar uma autopromoção dentro da sociedade, acompanhados por um cinegrafista que filmava as ações do bando. Artificio primeiramente usado pelo governo mexicano de Porfírio Dias<sup>6</sup> (1830-1915), em que o primeiro filme feito no México foi a história do mesmo. Estes dois fatos aproximam-se bastante do objeto de estudo deste artigo, pois a Veja alcançava uma grande parte da população brasileira além ter nascido em 1968 quatro anos e seis meses depois do Golpe Civil Militar, e usada como meio de propaganda do governo. Porém os integrantes do movimento zapatista eram tratados de bandidos, reforçando a tese de se tratar do fenômeno do início deste século conhecido como banditismo social, que vem do italiano bandito, ou seja,

---

<sup>5</sup> A revolução mexicana foi um processo revolucionário liderado por Emiliano Zapata (1879-1919) e Pancho Villa (1878-1923) contra a ditadura de Porfírio Dias e em prol da da reforma agrária.

<sup>6</sup> Porfírio Dias foi um ex- presidente do México que governou de 1884 até 1911. Período que ficou conhecido como Porfiriato.

banido. Já no período da ditadura na década de 60 quem lutasse contra o governo era considerado subversivo e terrorista.

Analisando o terrorismo, pela lente do historiador Erick Hobsbawm no livro “Globalização, Democracia e Terrorismo” (2007), o escritor aborda o terrorismo como agentes históricos significativos. Segundo Hobsbawm:

Mesmo quando pequenos grupos fazem parte de um movimento geral de dissidência como são os rebentos da Al-Qaeda na resistência iraquiana, eles não são parte mais importante e nem a parte militarmente mais efetiva do movimento e sim, adendos marginais (HOBBSAWM, 2007, p.135 a 136).

Já no livro “A Assustadora História do Terrorismo, o historiador Caleb Carr (2002), relaciona o uso da palavra terrorismo como uma invenção da Europa no século XIX, relacionando casos de ataques proporcionados por anarquistas em que ele cita da seguinte forma:

Os agentes dessa violência, geralmente agrupados como anarquistas, faziam uso ostensivo do assassinato individual, além de bombas contra unidades militares, policiais e forças privadas de segurança industrial, como métodos para focalizar e combater as crescentes disparidades na riqueza e no padrão de vida entre as classes econômicas, resultado da Revolução Industrial em andamento (CARR, 2002, p167).

Como diria Karl Marx, em sua obra O manifesto do Partido Comunista (2011) que a história da humanidade é a história da luta de classes, no Império Romano os insurgentes eram relacionados como bárbaros, os grandes burgueses do século XIX, usavam o termo terrorismo para com os anarquistas seguidores dos ensinamentos do pensador e ativista russo Mikhail Bakunin (1814-1876), que declarava: “somos contra toda a legislação, autoridade e influência” (Carr, 2002, p.168). O que nos reporta a década de 60, período em que o sentido da palavra terrorismo não difere muito do terrorismo relatado pela burguesia do século XIX, pois em ambas as épocas existia um Estado amparado e amparando parte da burguesia, sendo que no século XX não existia a idéia de ausência de estado, haviam grupos guerrilheiros com ideologia de implantar o comunismo, existiam organizações estudantis que iam as ruas protestar por melhorias no ensino e alguns pela derrubada do regime, e os terroristas relacionados em reportagens da Veja como os

terroristas de extrema direita, que como os de esquerda optavam pela luta armada infringindo as leis do Estado.

### **A Revista Veja e o terrorismo**

Analisando a revista *Veja* inicialmente no conturbado ano de 1968, período marcado por grandes acontecimentos no âmbito nacional e mundial, como podemos citar os bombardeios ocorridos no Vietnã, sob a determinação do Presidente norte-americano Richard Nixon (1913-1994), a luta dos Panteras Negras nos Estados Unidos buscando maior autonomia pelo fim do que pode-se dizer de um Apartheid estadunidense, e no Brasil período que ganha destaque pela morte do seminarista Edson Luis que estava no restaurante calabouço no Rio de Janeiro, lugar em que:

Alguns estudantes debatiam e organizavam uma passeata, um protesto contra as precárias condições de higiene e o mau funcionamento do restaurante que era aonde os universitários almoçavam por um preço acessível, um local que “atendia secundaristas carentes e no qual se alojavam entidades estudantis (ZAPPA, SOTO, 2008, p.70).

Mas alguns membros da polícia invadiram o local usando da força para com os estudantes dando cacetadas e tiros, sendo que um desses tiros acertou o peito de Edson Luís, fato narrado na primeira edição da revista do dia 11 de setembro de 1968. E este período também ficou marcado pela implantação do AI5 (Ato Institucional Número 5) ato que suspendia direitos como o habeas corpus, cassava-se mandatos parlamentares e também os direitos políticos de qualquer cidadão, passando a reprimir os movimentos guerrilheiros com mais veemência, porém sendo estabelecido somente em 13 de dezembro de 1968. Inicialmente o termo terrorismo não era visto nas primeiras edições da *Veja* com muita frequência, edições que se debruçavam em acontecimentos como manifestações estudantis, dando ênfase no grupo formado por um conhecido ex-ministro da casa civil no governo Lula, José Dirceu, integrante da UNE (União Nacional dos Estudantes), relacionada no período abordado como ex-UNE, pois caíra na clandestinidade após o golpe militar. Esses protestos vinham de estudantes que se viam divididos, pois existiam os que lutavam apenas pelas reformas universitárias, e grupos que queriam



além de reformas a derrubada do regime civil militar. Mas na edição de número dois da *Veja*<sup>7</sup> pode-se destacar a abordagem de um terrorismo de extrema direita, em uma reportagem que destaca um homem tratado pelo pseudônimo de Sábado Dinotos, relatado como Aladino Felix, que havia sido preso pela polícia e confessado uma história de terrorismo em São Paulo, que segundo o mesmo sob tortura. Os assaltos segundo relatos do mesmo eram para manter facções como o CCC (Comando de Caça aos Comunistas) que necessitavam de dinheiro para a compra de armas para combater os inimigos da Pátria que para esses grupos, eram os comunistas.

Em *O Manual do Guerrilheiro Urbano*, Marighella dá sua versão sobre esses sujeitos os chamando de:

contra-revolucionário direitista que cria a confusão, assalta bancos, joga bombas, seqüestra, assassina, e comete o crimes mais atrozes imagináveis contra os guerrilheiros urbanos, o sacerdotes revolucionários, os estudantes e os cidadãos que se opõem ao fascismo e buscam a liberdade.(MARIGHELLA, 1969, p. 2)

Nesta mesma edição é relatado um atentado a bomba em um Colégio no Rio de Janeiro, o Colégio do Brasil, por simplesmente promover um curso para entender a teoria de um pensador marxista chamado Herbert Marcuse (1898-1979), considerado pela direita como o pai espiritual das rebeliões estudantis, que após o acontecido, através de um telefonema anônimo dado a direção do colégio alguém deixou a seguinte opinião: “Esse comunista não merece que o expliquem numa sala de aula”.

Na edição<sup>8</sup> de 25 de setembro de 1968 a *Veja* relatava a união entre o Supremo Tribunal Federal e o Militar para apurar crimes contra a segurança nacional. Mas tratando do tema terrorismo em apenas um subtítulo, que era o seguinte: o novo terror: os alunos não assistem às aulas, discutem política, é terrorismo?

---

<sup>7</sup> Autor desconhecido. *Passeatas em férias. Revista Veja*. São Paulo: Editora Abril. Vol. 2, p. 100, 1968. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>> Acesso em 27/02/2012.

<sup>8</sup> Autor desconhecido. *Decisão Suprema da Justiça. Revista Veja*. São Paulo: Editora Abril . vol 3. p. 84, 1968. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>> Acesso em 27/02/2012.

Dentro dessa reportagem é abordada a ausência dos alunos nas aulas de teoria do conhecimento de um monge conhecido como Dom. Irineu, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, em que os alunos tratam o professor como um reacionário incapaz de aderir a reformas acadêmicas, ocasionando no pedido de demissão desse monge, que deixou uma carta relacionando os acontecimentos como terrorismo cultural, praticado por estudantes de esquerda.

A edição<sup>9</sup> número 5, de 09 de outubro de 1968 relata um confronto que teve seu início em razão de um ovo ter sido jogado na cabeça de um integrante da ex-UNE quando eles paravam carros na rua Antônia em São Paulo para pedir dinheiro para a realização do trigésimo congresso da UNE, congresso no qual seria escolhido o novo presidente da organização, fato relatado tanto na Revista Veja daquele ano como no livro “1968 - o ano que não terminou” de Zuenir Ventura (1989).

Segundo os relatos o ovo tinha sido jogado do colégio Mackenzie em que havia membros do CCC (Comando de Caça aos Comunistas), MAC (Movimento Anti-Comunista) e FAC (Força Anti-Comunista). Esses relacionados na revista e pelos militares, como terroristas de extrema direita. O congresso que dias depois seria interrompido pela junta militar do exército, no que tange o título da reportagem da edição<sup>10</sup> 6 de 16 de outubro de 1968: O congresso interrompido. Sendo que nesta edição os estudantes são descritos da seguinte forma: “Os rapazes e moças enrolados em cobertores coloridos, no frio do começo de tarde de sábado, não pareciam os perigosos líderes estudantis do Brasil inteiro”.

Nesta mesma edição havia um texto com o subtítulo: guerra aos extremismos, relatando a intranqüilidade do governo Costa e Silva (1964-1969) em relação aos intitulados terroristas de extrema esquerda e a extrema direita que lutava contra o mesmo inimigo do governo, mas sem o aval das leis do Estado.

---

<sup>9</sup> Autor desconhecido. Destruição e morte. Por quê?. **Revista Veja**. São Paulo: Editora Abril . vol 5, p. 76, 1968. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>.> Acesso em 27/02/2012.

<sup>10</sup> Autor desconhecido. O congresso interrompido. **Revista Veja**. São Paulo: Editora Abril . vol 6, p.68,1968. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>.> Acesso em 27/02/2012.

E um inimigo do governo ganha destaque na edição de 20 de novembro de 1968, e esse inimigo é o fundador da ALN (Ação Libertadora Nacional) Carlos Marighella (1911-1969), com o título “Procura-se Marighella”, que na visão da Veja e do governo como pôde ser detectado, ele era um terrorista de alta periculosidade, apontado na revista como chefe de uma organização subversiva.

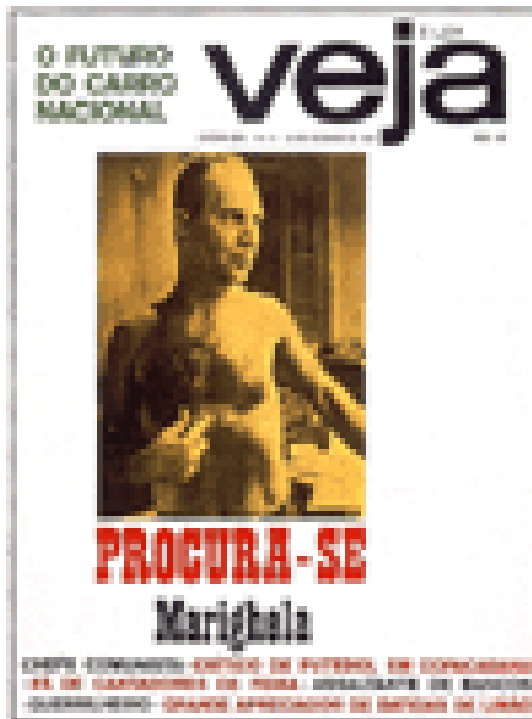


Fig.1.: Procura-se Marighella

Fonte: Procura-se Marighella (Capa). **Revista Veja**. São Paulo: Editora Abril . vol 11, p. 68, 1968. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>> Acesso em 14/06/2012

Enquanto a Veja e o governo retratavam Marighella como terrorista, ele se apresenta como verdadeiro patriota conforme pode ser verificado em seu livro, O Manual Do Guerrilheiro Urbano (1969) livro escrito por ele como forma de ensinar técnicas de guerrilha urbana aos companheiros que viessem a aderir a luta contra a armada, destacando a parte de execuções: “Execução é matar um espião norte-americano, um agente da ditadura, um torturador da policia, ou uma personalidade fascista no governo que está envolvido em crimes e perseguições contra os

patriotas” (MARIGHELLA,1969). Neste livro ele explica para que eram os assaltos a bancos as chamadas expropriações:

A expropriação dos recursos do governo e daqueles que pertencem aos grandes capitalistas, latifundiários, e imperialistas, com pequenas expropriações usadas para o mantimento do guerrilheiro urbano individual e grandes expropriações para o sustento da mesma revolução. É claro que o conflito armado do guerrilheiro urbano também tem outro objetivo. Mas aqui nos referimos aos objetivos básicos, sobre tudo às expropriações. É necessário que todo guerrilheiro urbano tenha em mente que somente poderá sobreviver se está disposto a matar os policiais e todos aqueles dedicados à repressão, e se está verdadeiramente dedicado a expropriar a riqueza dos grandes capitalistas, dos latifundiários, e dos imperialistas.

Uma das características fundamentais da revolução brasileira é que desde o começo se desenvolveu ao redor de expropriações da riqueza da burguesia maior, imperialista, e dos interesses latifundiários, sem a exclusão dos elementos mais ricos e dos elementos comerciais mais poderosos envolvidos com a importação e exportação de negócios. E mediante a expropriação da riqueza dos principais inimigos do povo, a revolução brasileira foi capaz de golpeá-los em seus centros vitais, com ataques preferenciais e sistemáticos na rede bancária, isto é, os golpes mais contundentes foram contra o sistema nervoso capitalista. “Os roubos a bancos realizados pelos guerrilheiros urbanos brasileiros machucaram os grandes capitalistas (MARIGHELLA,1969,p. 3).

Através deste fragmento pode-se detectar a luta ideológica contra o sistema capitalista e o Estado, pois ambos se localizam no mesmo patamar, sendo o Estado o sujeito que promove a manutenção deste sistema, através das forças armadas para manter a ordem perante as classes menos abastadas que consistem na força motriz do sistema capitalista, o sistema que se baseia na exploração do homem pelo homem. E Carlos Marighella através de suas ações contra os capitalistas atingiu diretamente o Estado.

### **1969 Ano da morte de Marighella**

Em 1969, ano em que o país já vivia sob as leis do AI5, a Veja inicialmente foge um pouco do tema abordado nesse artigo, pois o que ganha destaque até meados deste ano são os experimentos que focavam em um assunto que mexeu e mexe com o imaginário da humanidade, a conquista do universo. E o uso da revista como um meio de propaganda do governo em anúncios que enfatizavam o pagamento de IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) pelos brasileiros para a construção de estradas e hospitais, uma jogada do governo que usava a revista em prol de uma aproximação com a população, e a Veja como um

meio de fácil acesso desta população pôde ser usada neste período de ditadura tanto como uma forma de propaganda para a cobrança de impostos como para colocar em evidencia o que Hobsbawm (2007) cita como marginais.

Os marginais de Hobsbawm eram os terroristas, subversivos procurados pela justiça, tendo seus rostos estampados em cartazes e mostrados em rede nacional, criando certo pavor na população. Segundo Hobsbawm (2007, p.136), isso é compreensível descrevendo sobre esse assunto assim: “Os governos e a imprensa se empenham em gerar um clima de medo, para alcançar seus próprios propósitos, e dão publicidade máxima as ações”.

A partir dessa visão de Hobsbawm, é possível entender como a revista *Veja* enxergava as pessoas que lutavam contra esta ditadura e os grupos que lutavam contra quem lutasse contra essa ditadura, porém por vias que não condiziam com as leis do Estado.

E essa publicidade destaca-se na edição<sup>11</sup> número 37 em uma matéria no interior da revista que trazia o título: “Ele assalta em nome do terror”. E quem a revista dizia que assaltava em nome do terror era um ex- capitão do exército brasileiro conhecido como Carlos Lamarca (1937-1971), homem que também como Carlos Marighella acreditava na luta armada para libertar a sociedade brasileira de um regime ditatorial que abusava da prática de torturas e assassinatos. Também nesta edição, Lamarca é relacionado pela *Veja* da seguinte forma: “Esse homem nervoso e frio, “João”, como é conhecido pelos companheiros de terrorismo é Carlos Lamarca, que trocou a farda pela subversão”.

O que pode ser destacado ao longo das análises feitas tendo como fonte a Revista *Veja* é a ligação em muitas reportagens do comunismo com o terrorismo, em que se pode ter como exemplo a edição número 49, que na capa trazia um homem mascarado, e a palavra terrorismo vinham embaixo desta foto. Nesta edição a matéria em seu interior possuía os seguintes títulos: Os Terroristas, Quem São? Onde Estão? Que Querem? Aliando o assunto a fotos de Vladimir Lenin (1870-

---

<sup>11</sup>Autor desconhecido. Ele assalta em nome do terror. **Revista Veja**. São Paulo: Editora Abril . vol. 37, p. 68, 1969. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>> Acesso em 27/02/2012.

1924), Josef Stalin (1878-1953) e Che Guevara (1928-1967), objetivando a influência destes líderes com os ideais dos relacionados os respectivos terroristas, ou seja, o terrorismo e o comunismo eram a mesma coisa para a revista *Veja* como para o governo brasileiro.



Fig.2 – Os Terroristas

Fonte: Autor desconhecido. Os Terroristas. **Revista Veja**. São Paulo: Editora Abril . vol 49, p.76, 1969. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em 27/02/2012.



Fig.3.: Lênin, Stálin e Guevara

Fonte: Autor desconhecido. As seis perguntas do terror. **Revista Veja**. São Paulo: Editora Abril . vol 49, p. 76, 1969. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>> Acesso em 14/06/2012.

Já a edição número 62, traz como capa, a imagem de Marighella morto e o título: O Terrorismo morre com Marighella? E no interior da revista um outro título: A Estratégia Para Matar o Terror, abordando a capacidade de observação em que Marighella descreve em seu livro O Manual do Guerrilheiro Urbano da seguinte forma:

O guerrilheiro urbano tem que ter uma grande capacidade de observação, tem que estar bem informado a respeito de tudo, em particular dos movimentos de seu inimigo, tem que estar constantemente alerta, procurando, e ter grande conhecimento sobre a área em que vive, opera, ou através da qual se movimenta (MARIGHELLA, 1969, p. 3).



Fig.3 – Marighella

Autor desconhecido. O Terrorismo morreu com Marighella? Revista Veja. São Paulo: Editora Abril . vol 62. p. 92, 1969. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em 14/06/2012

Essa capacidade de observação segundo o que é colocado na reportagem falhou sistematicamente devido a certa displicência de Marighella, após um de seus companheiros de luta ter feito uma varredura no local em que Marighella se encontraria com dois monges defensores da luta contra a ditadura, e que estavam em poder dos agentes do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) liderados pelo delegado Sergio Paranhos Fleury (1933-1979). A morte de

Marighella foi comemorada pelos agentes, como foi destacado no subtítulo dentro desta reportagem que dizia: A Alegre Noite da Vitória. Esta reportagem trazia o relato de um telefonema em que uma agente do DOPS relatada como Ana Tereza contava para sua mãe sobre o acontecido: Alô, mamãe? Sabe quem nós matamos? O Carlos Marighella!

Carlos Marighella, que dois anos antes era recebido em um convento ressaltando o início de uma amizade com os Monges, relatado pelo historiador Edison Teixeira em o livro Carlos, A face oculta de Marighella, assim:

Em meados de 1967, Frei Osvaldo acertou recebermos, no parlatório do convento de Perdizes um professor interessado em conhecer melhor a renovação da Igreja Católica. O professor de codinome Menezes era Carlos Marighella, e seu interesse estava muito além de discutir sobre as reformas da Igreja como ficaria mais claro posteriormente. (TEIXEIRA, 2009, p.142).

Esta ligação de Marighella com a renovação da Igreja Católica, ganhou destaque na edição<sup>12</sup> número 63 com o título: O Terror no Convento, e o subtítulo: O Senhor é Meu Pastor? Subtítulo que trazia um tom irônico e sugestivo, colocando em dúvida a fé dos Monges, e que os denominavam como os Monges do Terror, e que tinha como integrante um participante do projeto Fome Zero do governo Lula, um famoso escritor de uma obra que relata o período estudado, O livro Batismo de Sangue de Frei Betto (2006). O Frei Betto foi o preso político mais procurado após a morte de Marighella por ser um dos responsáveis de um possível esquema de fronteiras, para a facilitação de fugas para a Argentina, e hospedar terroristas, escondendo-os da polícia.

É por essa e outras edições analisadas que fica claro o lado específico da Revista Veja, e este lado localizava-se ao lado dos militares, pautando-se nos princípios que iam contra as manifestações estudantis, princípios anti-comunistas qualquer tipo de movimentação contrários aos ideais do governo, lembrando que eram eles que dominavam o país, e a Veja sendo um produto da mídia brasileira escolheu o seu lado.

<sup>12</sup>Autor desconhecido. O Terror no Convento Revista Veja. São Paulo: Editora Abril . vol 63. p. 92, 1969. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em 14/06/2012



## **Considerações Finais**

Este artigo que se encerra, foi baseado em fontes como livros e reportagens da Revista Veja, com a intenção de entender o terrorismo na década de 60. Este fenômeno foi abordado por este meio de comunicação para a sociedade brasileira em um período bastante tenebroso da história do Brasil, conhecido como a Ditadura Civil Militar. O país vivia sob um regime repressor ocasionando o aparecimento de grupos descontentes com o governo e com o sistema, por esta razão estes grupos optaram pela luta armada, tornando-se os foras da lei, que recebiam o rótulo de subversivos e terroristas pelas Forças Armadas, o que nos permitiu entender como o terrorismo era tratado nas reportagens. O terrorismo era o mal que deveria ser combatido. Fica claro analisando as reportagens que a Revista Veja escolheu apoiar a visão do governo em relação às ações dos grupos armados brasileiros que deveria ser duramente combatido.

## REFERÊNCIAS

BRAGANÇA, Maurício de. **Registros documentais no cinema da Revolução Mexicana**. História, São Paulo, 2007.

BETTO, F. **O Batismo de Sangue. Guerrilha e morte de Carlos Marighella**. Rocco Ed., 2006.

HOBBSAWM, E. **Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991**. 2ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, E. **Globalização, Democracia e Terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HOBBSAWM, E. **Bandidos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

GOFF, Jacques L. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

MARX, K.; ENGELS, F. **O manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: L&PM Pocket, 2011.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. **A máquina da memória: O tempo presente entre a história e o jornalismo**. Bauru, SP: EDUSC, 2009.

PRIORE, Mary Del; VENANCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

SILVA JUNIOR, Edson Teixeira da. **Carlos, a face oculta de Marighella**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

VENTURA, ZUENIR, **1968: O ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira Editora, 1989.

ZAPPA, R.; SOTO, E. **1968: Eles só queriam mudar o mundo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. .

### Fontes pesquisadas:

Autor desconhecido. Passeatas em férias. **Revista Veja**. São Paulo: Editora Abril. vol 2. p. 100, 1968. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em 27/02/2012.

MARIGHELLA, C. **Manual do Guerrilheiro Urbano**. Sabotagem. Disponível em: <<http://brasil.indymedia.org/media/2008/06/422822.pdf>>. Acesso em 27/02/2012.

Autor desconhecido. Decisão Suprema da Justiça. **Revista Veja**. São Paulo: Editora Abril. vol 3. p. 84, 1968. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em 27/02/2012

Autor desconhecido. Destruição e morte. Por quê? **Revista Veja**. São Paulo: Editora Abril. vol 5. p. 76, 1968. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>.. Acesso em 27/02/2012.

Autor desconhecido. O Congresso interrompido. **Revista Veja**. São Paulo: Editora Abril. vol 6. p. 68, 1968. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>. Acesso em 27/02/2012

Autor desconhecido. O Terrorismo morreu com Marighella? **Revista Veja**. São Paulo: Editora Abril. vol 62. p. 92, 1969. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>. Acesso em 14/06/2012

Autor desconhecido. Procura-se Marighella. **Revista Veja**. São Paulo: Editora Abril. vol 11. p. 68, 1968. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>.. Acesso em 14/06/2012

Autor desconhecido. O Terror no Convento Revista Veja. São Paulo: Editora Abril . vol63.p. 92, 1969. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em 14/06/2012

### **Blog pesquisado:**

AZEVEDO, R. Dilma e a degradação da Política: O terrorismo agora em palavras. **Revista Veja**. <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/dilma-e-a-degradacao-da-politica-o-terrorismo-agora-em-palavras>>17/11/2011.